



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAIS DE
LICENCIATURA EM LETRAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

CINTIA DANIELLE LAURIANO DA SILVA

AS INSURGÊNCIAS DO FEMININO NEGRO: REFLEXÕES SOBRE A
VIOLÊNCIA AS MULHERES NEGRAS NA LITERATURA BRASILEIRA

JOÃO PESSOA – PB

2020

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586i Silva, Cintia Danielle Lauriano da.
As insurgências do feminino negro: reflexões sobre a
violência as mulheres negras na Literatura brasileira /
Cintia Danielle Lauriano da Silva. - João Pessoa,
2020. 46 f.

Orientação: Hermano de França Rodrigues.
Coorientação: Ivanildo da Silva Santos.
Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Mulher negra. 2. Violência de gênero. 3.
Literatura Brasileira. I. Rodrigues, Hermano de França.
II. Título.

UFPB/CCHLA

CINTIA DANIELLE LAURIANO DA SILVA

**AS INSURGÊNCIAS DO FEMININO NEGRO: REFLEXÕES SOBRE A
VIOLÊNCIA AS MULHERES NEGRAS NA LITERATURA BRASILEIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a
Coordenação do Centro de Ciência Humanas, Letras e Artes
Universidade Federal da Paraíba, como requisito institucional para
obtenção do título de Licenciado em Língua Portuguesa.

Aprovado em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues (UFPB)
Orientador

Prof. Me. Ivanildo da Silva Santos (UFPB)
Coorientador

Prof. Me. Silvio Tony Santos de Oliveira (UFPB)
Examinador

Prof. Me Leonardo Monteiro de Vasconcelos (IFPB)
Examinador

Elisangela Marcos Sedlmaier (UFPB)
Suplente

Vozes-mulheres

A voz de minha bisavó
Ecoou criança
Nos porões do navio.
Ecoou lamentos
De uma infância perdida.

A voz de minha avó
Ecoou obediência
Aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
Ecoou baixinho revolta
No fundo das cozinhas alheias
Debaixo das trouxas
Roupagens sujas dos brancos
Pelo caminho empoeirado
Rumo à favela.

A minha voz ainda
Ecoa versos perplexos
Com rimas de sangue
e
Fome.

A voz de minha filha
Recolhe todas as nossas vozes
Recolhe em si
As vozes mudas caladas
Engasgadas nas gargantas.
A voz de minha filha
Recolhe em si
A fala e o ato.
O ontem- o hoje -o agora.
Na voz da minha filha
Se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.

(Conceição Evaristo)

A Deus, pela misericórdia e força nos momentos mais difíceis.

À minha querida mãe Severina, que me ensinou as primeiras letras e alfabetizou em casa antes de ir à escola. Obrigada por toda dedicação e companheirismo.

À minha filha, Ester Gabrielle, amor incondicional.

À minha amada avó, Clarice Pimentel (*in memoriam*), eternas saudades.

À minha família, meu porto seguro. Obrigada por estarem presente em todas as fases da minha vida. Gratidão!

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente a Deus, todo poderoso. Por ter me guiado, me revestindo de forças e sabedoria durante o período da graduação.

Ao orientador, Prof. Dr. Hermano de França, tenho profunda admiração.

Ao Coorientador Prof. Me. Ivanildo da Silva, pela atenção, apoio e palavras de motivação.

Aos meus pais, Severina Rodrigues e Grinaldo, aos quais sou grata por todos os esforços que fizeram por mim ao longo da vida. Vocês fazem parte da minha história e de todas as minhas conquistas.

À minha irmã Sandra Regina, os laços que nos une são verdadeiros. Sempre podemos contar com a outra em todos os momentos. Obrigada por cuidar da minha bebê quando preciso.

Aos meus irmãos Alexandre e Thyago, por toda ajuda e incentivo. Obrigada por demonstrarem preocupação e amor por mim. A vocês, toda minha gratidão.

Às minhas cunhadas, cunhado e sobrinhas pela torcida.

À minha querida tia Claudenice, pelo carinho.

Aos amigos que fiz durante o curso, pelos momentos compartilhados.

Aos professores da UFPB, pelos conhecimentos transmitidos que contribuíram para a minha formação acadêmica.

RESUMO

Constituiu interesse nesse estudo discutir a questão da violência de gênero contra a mulher contida na obra “Insubmissas Lágrimas de Mulheres” da escritora Conceição Evaristo (2011). A partir das narrativas analisadas e discutidas, o estudo buscou identificar as vivências trágicas de Aramides Florença, Shirley Paixão e Lia Gabriel três mulheres que foram vítimas da violência doméstica no âmbito da vida privada. Nestes contos, vê-se que a luta da escritora contra o sexismo pode gerar na comunidade acadêmica bem como na sociedade importantes reflexões sobre a questão da violência de gênero, um fenômeno que encontra no patriarcado terreno fértil para continuar existindo e mitigando a condição de cidadã e a dignidade da mulher negra. Ao término do estudo, conclui-se que a mulher negra não pode mais ser vítima de atos cruéis e desumanos perpetrados por cônjuges, companheiros, namorados. As protagonistas analisadas foram ousadas e libertaram-se do ciclo trágico resultante da violência de gênero.

Palavras-Chave: Mulher Negra. Violência de Gênero. Literatura brasileira.

ABSTRACT

It was in this study to discuss the issue of gender-based violence against women contained in the work "Insubmissible Tears of Women" by Conceição Evaristo (2011). From the narratives analyzed and discussed, the study sought to identify the tragic experiences of Aramides Florence, Shirley Passion and Lia Gabriel three women who were victims of domestic violence in the context of private life. In these tales, it is seen that the writer's struggle against sexism can generate in the academic community as well as in society important reflections on the issue of gender violence, a phenomenon that finds in the patriarchy fertile ground to continue to exist and mitigate the condition of a citizen and the dignity of a black woman. At the end of the study, I concluded that the black woman can no longer be the victim of cruel and inhumane acts perpetrated by spouses, companions, boyfriends. The protagonists analyzed were bold and freed from the tragic cycle resulting from gender-based violence.

Key-Words: Black Woman. Gender Violence. Brazilian literature.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 AS VIOLAÇÕES SIMBÓLICAS AS MULHERES: AGRESSÕES AO FEMININO NA SOCIEDADE	12
1.1 A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA MULHER NEGRA NA SOCIEDADE: SUJEITO OU OBJETO?	15
2 GRITOS, SUSURROS E SILÊNCIO: OS GRILHÕES INSTITUCIONAIS EM TORNO DA MULHER NEGRA	22
2.1 A DENÚNCIA DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA NARRATIVA DE CONCEIÇÃO EVARISTO	27
2.2 ARAMIDES FLORENÇA: DO AMOR À DESILUSÃO SOFRIDA	28
2.3 SHIRLEY PAIXÃO: DA INSUBORDINAÇÃO À REVOLTA CONTRA A VIOLÊNCIA PRESENCIADA NO ÂMBITO DA VIDA PRIVADA	31
2.4 LIA GABRIEL: OUTRA MULHER NEGRA VÍTIMA DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA	33
2.5 VIOLÊNCIAS QUE SE ENTRELAÇAM EM INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHER: ROMPENDO O SILÊNCIO E SUPERANDO A INSUBORDINAÇÃO	36
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	42

INTRODUÇÃO

“A nossa escrivência não pode ser lida como histórias para ‘ninar os da casa grande’ e sim para incomodá-los em seus sonhos injustos”.

Conceição Evaristo

O Brasil permanece sendo um país fortemente marcado por diversas situações antagônicas que causam indignação a todos os que desejam viver numa sociedade de fato justa e igualitária. Embora tenhamos hoje uma Constituição Federal (1988) que legitima os cidadãos como sujeitos de direitos, cotidianamente nos deparamos com inúmeras situações de violação da dignidade humana e dentre muitas, encontra-se a questão da violência contra a mulher, um fenômeno que atravessou séculos e chega à modernidade, reconhecido como um grave problema de violação dos direitos jurídicos e sociais de uma importante parcela da sociedade brasileira.

A história mostra que tradicionalmente, no Brasil, delegou-se para a mulher um papel social secundário e no caso da mulher negra, da mestiça, estas sempre foram vistas na sociedade como meras serviçais, sempre desqualificadas pelo baixo nível de escolarização, de condição social, enfim, delimitadas a viver um papel de subalternidade, de inferioridade na sociedade.

Tratando-se da literatura brasileira, verifica-se que autores renomados por várias décadas omitiram a presença da mulher negra, sua real condição de vida e quando as citaram em suas obras, apresentaram-nas sempre sob os ideais propagados pela cultura elitista dominante eurocêntrica, ocupando sempre posições subjugadas, condições de vida desumanizadas, enfim, descritas como meros objetos dos senhores donos da terra, negando-lhes assim o direito de viver uma vida com dignidade.

Contrariando o mito da mulher negra submissa, dócil, objeto de satisfação sexual de senhores, de seus filhos, companheiros, apresentada em muitas obras do cânone brasileiro, desponta a partir do século a literatura afro-brasileira, que passa a partir do século XX a denunciar o racismo, a opressão, a violência imposta à mulher negra a exigir seu reconhecimento, respeito, valorização e promoção da sua dignidade humana.

Dentre muitas autoras que ousaram trazer à tona em seus escritos a violência social, doméstica, psicológica e até mesmo patrimonial imposta à mulher negra, destacam-se as narrativas de Conceição Evaristo, uma escritora negra reconhecida nacionalmente e internacionalmente que com suas obras vem ao longo dos últimos anos de nosso século,

promovendo nos espaços acadêmicos importantes reflexões acerca das condições em que se encontram milhares de mulheres negras, num país que se autodenomina como “democrático” e de “direitos”, mas que permanece apresentando a cada dia um número elevado de casos de feminicídio.

Conforme Jesus (2015), no mundo contemporâneo, a violência contra a mulher tem sido responsável pela dissolução dos casais, dos laços familiares, causando várias sequelas nos filhos/as comprometendo seu desenvolvimento e personalidade.

Face às múltiplas situações cotidianas de violação da dignidade da mulher, em especial da mulher negra, busca-se nesse trabalho trazer à tona a denúncia da violência contra a mulher retratada em *Insubmissas Lágrimas de Mulher*, de Conceição Evaristo, uma narrativa composta de treze contos que enfoca questões emblemáticas que estão presentes não apenas na vida da mulher negra como também da mulher branca pobre, da elitista, tais como: violência simbólica, violência sexual, violência de gênero, física, psicológica, racismo e que embora nosso país possua atualmente uma legislação específica de combate, diariamente nos deparamos com atitudes antidemocráticas de violação dos direitos humanos das mulheres.

Ante o exposto, o estudo em tela enfocará três contos apresentados em *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011), mas especificamente as histórias de Aramides Florença, Shirley Paixão e Lia Gabriel que tratam da questão da violência contra a mulher. O leitor perceberá que as três personagens referenciadas no estudo foram vítimas da violência, mas conseguiram sair do ciclo a que estavam submetidas, uma atitude que é fundamental para que a mulher negra torne-se protagonista da sua história de vida.

Para a pesquisa em tela, adotou-se como objetivo geral: Discutir as situações de violência contra a mulher apresentadas na obra de Evaristo e como objetivos específicos nossa pretensão foi: Tecer importantes reflexões em torno da questão do gênero e patriarcado em nosso país; analisar a cultura da violência e suas consequências pessoais e sociais para a mulher; descrever os impactos que a doméstica gera na vida da mulher limitando sua condição de cidadã de direitos.

A escolha do tema para análise e discussão justifica-se pelo fato que as situações narradas na obra ocorrem cotidianamente, estão presentes no cotidiano de muitas mulheres, nos espaços de discussão e construção de uma nova ordem social assentada na valorização e reconhecimento da mulher como uma cidadã de direitos e a construção de uma nova ordem societária assentada sob a garantia de direitos requer que as situações de violência sejam enfrentadas, pois em Estados Democrático e de Direitos, como bem determina a *Constituição*

Federal do Brasil (1988) em seu Art. 5º “todos são iguais perante a lei”, e conforme reza o inciso III *ninguém será submetido à tortura nem a tratamento desumano ou degradante*. (BRASIL, 2013, p. 9)

O estudo será de abordagem bibliográfica e descritiva, uma vez que como bem relata Gil (2012, p.42) a pesquisa descritiva *tem como objetivo principal a descrição de determinada população, fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis*. No caso deste estudo, com base nas obras abordadas, acredita-se que será possível desvelar quais são as consequências sociais que a violência contra a mulher gera na sociedade e como tal fenômeno altera a dinâmica familiar e influencia as relações sociais intrafamiliares.

E conforme Tozoni-Reis (2009, p.36), nos autores analisados durante a revisão teórica encontrar-se dados para produzir novos conhecimentos sobre a temática que se deseja abordar. Assim, realizou-se uma análise crítico-reflexiva da obra Evaristo (2011) e buscou-se também apoio nos estudos de Blay (2014), Brabo (2015), Bourdieu (2003, 2012), Davis (2016), Jesus (2010), Muskat (2011), Nobre, Faria e Silveira (2005), Ribeiro (2017), Saffioti (2000, 20004), entre outras obras que compuseram a fundamentação teórica da pesquisa.

Diante do silenciamento da desvalorização da mulher negra no Brasil, da falta de políticas realmente efetivas de proteção e promoção dos direitos humanos da mulher, o estudo aqui apresentado pode ser considerado mais um meio de incentivar no espaço acadêmico a construção de um novo olhar sobre a mulher negra e os desafios que enfrenta cotidianamente para acessar seus direitos e ser valorizada tal como acontece com as demais mulheres que compõem a sociedade brasileira.

Importante destacar que por várias décadas, no mundo todo, a subordinação da mulher ao homem tem sido considerada o motivo que permite a este o exercício da violência doméstica e muitas outras violências, por isso, a comunidade acadêmica deve se unir a luta antiviolência para que esse fenômeno deixe de ser um problema do âmbito privado e se torne um problema social, uma causa abraçada por todos que desejam ter uma sociedade mais justa e com equidade.

1 AS VIOLAÇÕES SIMBÓLICAS AS MULHERES: AGRESSÕES AO FEMININO NA SOCIEDADE

“Minha luta diária é para ser reconhecida como sujeito, impor minha existência numa sociedade que insiste em negá-la”.

Djamila Ribeiro

A violência tem raízes históricas, acompanhou o desenvolvimento das sociedades e sempre foi uma violação da dignidade humana e, felizmente, na contemporaneidade, é reconhecida por especialistas de diferentes áreas como um grave problema social que provoca inúmeras sequelas que atingem não apenas a vítima, mas também os demais componentes da família, principalmente, crianças e adolescentes.

Sobre a questão histórica da violência, Chauí(1994, p. 336) tece a seguinte consideração:

Desde a Antiguidade clássica (greco-romana) até nossos dias, podemos perceber que, em seu centro, encontra-se o problema da violência e dos meios para evitá-la, diminuí-la, controlá-la. Diferentes formações sociais e culturais instituíram conjuntos de valores éticos como padrões de conduta, de relações intersubjetivas e interpessoais, de comportamentos sociais que pudessem garantir a integridade física e psíquica de seus membros e a conservação do grupo social.

Pelo exposto, percebe-se que a preocupação com o fenômeno da violência não é algo novo, estando presente na cultura de todas as civilizações, pois como bem leciona Saffioti (1999) às sociedades sempre foram fortemente delimitadas pelo poder do macho sobre as fêmeas. Ao homem era permitido até mesmo matar e subjugar o outro como ser inferior. Entretanto, na modernidade o crescimento da violência apresenta-se cada vez mais assustador, não há como negar que diariamente assistisse sua banalização, como se ferir, denegrir, difamar, macular o outro seja um ato normal, quando na verdade necessita ser compreendido como uma grave violação da dignidade humana e do respeito ao outro.

Tratando-se especificamente da violência contra a mulher negra, sempre esteve presente na história da sociedade brasileira, pois em nosso país desde a chegada dos primeiros escravos, a mulher negra passou a ser tratada como objeto sexual dos senhores fidalgos portugueses, e mais tarde de coronéis e sinhozinhos.

É importante ressaltar que já na fase do Brasil colônia a violência contra a mulher esteve presente tanto na classe burguesa quanto na proletariada, a diferença é que enquanto

as mulheres da classe proletariada foram aos poucos saindo de sua condição de oprimidas, questionando a situação de violência que enfrentavam no interior de seus lares, as da classe elitista, para manter a aparência e o *status* social viram-se obrigadas a não denunciar tal brutalidade, suportando-a sem expressar nenhum tipo de indignação (DEL PRIORE, 2004).

Como bem nos esclarece Minayo (2006, p. 32):

O Brasil sempre teve uma história de violência articulada à sua forma de colonização e de desenvolvimento, embora, o mito que corre no imaginário social e é apropriado politicamente é de que somos um país pacífico. Trata-se de uma meia verdade. O outro lado da verdade, porém, é o de que somos um povo violento.

Como mostra a citação acima, do Brasil Colônia à modernidade a mulher negra tem sido objeto de múltiplas formas de violência, embora haja o discurso da igualdade social, há também um silenciamento da realidade concreta em que a mulher negra se encontra inserida numa sociedade que ainda é fortemente marcada pelo patriarcalismo.

O pensar, o agir e ser da mulher negra escravizada tornou-se subordinado a cultura europeia elitista, a qual colocou a mulher negra na condição de vítima de muitos algozes, objeto explorado na mão de obra escravista (lavoura, serviços domésticos) e também objeto de satisfação do desejo sexual de seus donos, de capatazes e até mesmo de outros negros, constantemente desrespeitada e subordinada e explorada, tratada como um mero objeto e não um ser humano. (DAVIS, 2016, p. 102)

A mulher negra escravizada era subordinada aos seus donos, violentadas sexualmente e seus desejos, sendo vítima até dos próprios negros. O sistema opressor que obrigava realizar serviços nas lavouras, domésticos, em péssimas condições. Desse modo, implantou a cultura europeia elitista centrada em todo tipo de exploração.

A diferença entre sexos foi naturalizada e assumida nas regras sociais e incorporada em todas as instâncias sociais, atuando como *um sistema de esquemas de percepção, de pensamento e de ação*. (BOURDIEU, 2003, p. 17)

Delimitou para o homem o papel de superioridade e para a mulher o de inferioridade, enquanto ao homem tudo era permitido, a mulher passou a ter o seu agir estabelecido pelos ditames do homem e este sempre foi aceito socialmente, fato que fez com a mulher por várias décadas sentisse dificuldade de reconhecer-se como vítima de um sistema opressor e mitigador da liberdade da mulher.

Nessa mesma via de reflexão, Carneiro (2017, p. 12) tece a seguinte argumentação:

Mulheres, em diferentes situações, foram vítimas de violências: mulheres negras escravizadas onde a violência colonial era constituinte da sua presença naquela estrutura econômica; mulheres indígenas submetidas às mesmas condições e violações; mulheres brancas, ricas ou pobres, submetidas a outras formas de posse, submissão e violências.

A sociedade assentada sob os dogmas do patriarcalismo forjou uma distinção entre a mulher branca e a negra, embora a mulher branca também tenha sido e em muitos casos continue sendo vítima da violência, a mulher negra sofreu duplamente os impactos da discriminação social, violência de gênero, tratada sempre como um mero objeto de satisfação sexual e explorada pela classe elitista na sua força de trabalho.

Na concepção das autoras Queiroz; Queluz, (2016, p. 22) “A dominação colonial levou os europeus à configuração da colonialidade de gênero”. As mulheres nativas e africanas eram oprimidas pela ideologia política, seus corpos tratados como coisas, vistas como objeto. As autoras acrescentam ainda:

Às mulheres impuseram a condição de trabalhadoras escravizadas e de objetos sexuais. Os corpos delas serviam para amamentar os filhos brancos dos proprietários e gerar os filhos sem pai, efeitos do intercâmbio sexual sem liberdade. Via de regra, a criança gerada pela mãe escravizada seria escravizada também e a sua existência tornava-se ainda um fator de dominação política, pois contribuía para a corrosão dos laços de coesão étnica dos grupos sociais subordinados – nativos e africanos. (QUEIROZ; QUELUZ, 2016, p. 23)

Assim, a mulher negra era duplamente inferiorizada, ora trabalhava nas lavouras, nas senzalas, nas casas de seus donos, ora serviam como objeto de satisfação de desejo sexual, de ama de leite para as crianças da classe elitista, uma vez que no paradigma burguês e elitista, apenas os homens detentores do *status quo* elevado eram considerados cidadãos. Nessa sociedade, Brabo (2015, p.36) relata que “escravos, indígenas e degredados que para o Brasil foram enviados, nada mais eram do que a força motriz que faria o país avançar rumo ao desenvolvimento econômico e político desejado pela elite portuguesa”.

Dessa forma, fundamentou-se na época do Brasil colônia um sistema social que é considerado por muitos historiadores como o motivo que gerou a segregação racial brasileira que deu origem ao racismo, ao preconceito, a discriminação social contra a mulher negra, pobre, analfabeta e até mesmo a mulher negra intelectual que “continua sendo menosprezada na sociedade, uma herança amarga herdada do sistema escravista associado ao sistema patriarcal”. (CARNEIRO, 2017, p. 13)

Foi somente da segunda metade do século XIX em diante, mas especificamente quando se iniciou em nosso país um expressivo momento de desenvolvimento econômico,

industrial, urbano, que a mulher ao ingressar no mercado de trabalho foi paulatinamente saindo do estado de invisibilidade. Segundo Blay (2003) essa fase instaurou as mudanças mais significativas no reconhecimento social da mulher, pois ao ingressar em diferentes tipos de indústrias, a mulher começou a mostrar seu potencial de desenvolvimento que foi aprimorado com o seu ingresso nas escolas e universidades, assim, as mulheres foram adquirindo a coragem de enfrentar o machismo, passando então a debater e contrariar os valores patriarcais, o lugar que ocupavam na relação conjugal, principalmente, no que diz respeito à infidelidade, a grosseria e o estado de abandono a qual estavam subordinadas no interior de sua vida privada.

1.1 A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA MULHER NEGRA NA SOCIEDADE: SUJEITO OU OBJETO?

Ao longo da história, a mulher sofreu por diversas formas de violências, foram silenciadas e excluídas no âmbito social, político e econômico. A violência sempre esteve presente, assim como a ideologia patriarcal enraizada nos costumes e no tecido social desde o tempo da escravidão. As diversas formas de violência ficavam invisível e sem punição. Ou seja, ser mulher e ser escrava dentro de uma sociedade extremamente preconceituosa, opressora e sexista, é reunir todos os elementos favoráveis “à exploração econômica quanto sexual, e também ser o alvo de humilhações da sociedade nos seus diferentes seguimentos”. (GIACOMINI 1988, p. 26)

Neste sentido, as mulheres escravizadas eram violentadas e alvo de estupros que sustentam a dominação masculina. No processo histórico dominante, o sistema de repressão e supremacia dos colonizadores são distorcidos, as brutalidades sofridas pelas mulheres negras para a sociedade foram silenciadas e mistificadas.

Podemos afirmar, no que concerne à representação da figura negra na literatura, em todo esse processo demarca o Imaginário brasileiro masculino patriarcal, herdado dos tempos coloniais sendo retratado na ficção por muitos autores do cânone tradicional. Consequentemente, nos arquivos literários das Letras é visível o signo da “mulier fornicaria” da tradição europeia como um ser noturno e carnal, representação estereotipada de sensualidade a figuração da mulata.

Na visão de Bastite e Fernandes (1959) enfatiza que as escravas submetiam aos assédios dos patriarcas, de seus filhos e agregados satisfazendo suas vontades sexuais para fugir dos serviços mais pesado e de sua condição escravizada.

A produção literária no século XIX nas narrativas ficcionais atribuía “tipologias literárias” as mulheres negras, em especial as mulatas descritas como mulheres promíscuas e de vida “fácil”. Nesse sentido, a construção da imagem inferiorizada da mulher negra em relação a branca. Para a sociedade, havia uma hierarquia, os brancos só deveriam casar com mulheres da sua classe. O discurso voltado para a mulher branca para casar, preta para trabalhar e a mulata para formigar, propícia à promiscuidade. (XAVIER, 2012). Em *Casa Grande e Senzala* (1990), ao se referir à mulata é reduzida a mero corpo de prazer e gozo masculino, e diz: *que nos iniciou no amor físico e nos transmitiu, ao rangor da cama-vento a primeira sensação completa de homem.* (FREYRE, 1990 p. 283)

Brookshaw (1983) afirma que tanto no contexto cultural como no social, a caracterização da figura do negro na literatura pré-abolicista se deu de acordo com as superstições do homem branco em posição dominante ao negro, criando estereótipos. Desse modo, os estereótipos foram sendo reproduzidos na literatura brasileira. David Brookshaw, em sua obra, *Raça & Cor na Literatura Brasileira*, no ano 1983, traduzida por Marta Kirst, desvenda os preconceitos raciais mergulhado nas obras literárias. Onde contempla a criação e consolidação dos estereótipos que circulam e sufocam as personagens negras na voz de escritores brancos preconceituosos.

No artigo, *A trajetória do negro na literatura* (2006), Proença Filho traça um panorama geral da presença do negro na ficção brasileira não foge à regra da marginalização do negro desde o início da nossa sociedade. O discurso sobre o negro na literatura é resultante da visão de mundo do colonizador branco, o tratamento socialmente marginalizado.

Proença Filho (2004, p. 161) assegura que:

A presença do negro na literatura brasileira não escapa ao tratamento marginalizado que desde as instâncias fundadoras, marca a etnia no processo de construção da nossa sociedade. Evidenciam-se na sua trajetória no discurso literário nacional, dois posicionamentos: a condição negra como objeto numa visão distanciada, e o negro como sujeito, numa atitude compromissada.

Na literatura chamada de canônica o apagamento do negro enquanto protagonista e escritor, por muitos anos foi ignorado. Proença Filho (2004, p. 176), afirma que “pouco a pouco, escritores negros e descendentes de negros começam a manifestar em seus escritos o comprometimento com a etnia.”. O autor discorre sobre a literatura negra:

Em sentido restrito, considera-se negra uma literatura feita por negros ou por descendentes assumidos de negros e como tal, reveladora de visões de mundo, de ideologias e de modos de realização que, por condições atávicas, sociais e

históricas condicionadoras, caracteriza-se por certa especificidade ligada a um intuito claro de singularidade cultural. *Latu sensu* será negra a arte literária feita por quem quer que seja, desde que centrada em dimensões peculiares aos negros ou aos negros descendentes. (PROENÇA FILHO, 2004, p. 18)

Na visão de Regina Dalcastagnè (2014, p. 67):

A voz que a literatura nos apresenta é a voz de seus escritores. E, no caso do Brasil, esse é um grupo bastante homogêneo. Nosso cânone literário é feito de brancos, de negros que não são vistos como tal (caso Machado de Assis) e de negros deixados às margens (como Lima Barreto ou Cruz e Sousa). Se a literatura contribuiu historicamente para formar a identidade da nação brasileira, contribuiu seguramente para embranquece-la.

Os escritores afrodescendentes Machado de Assis e Cruz e Sousa, cuja crítica da época omitia sua origem afro-brasileira ou mesmo tentaram “embranquece-la”. Na visão de Duarte (2011) cita Machado de Assis especificando sua visão do mundo: “o lugar de onde fala é o dos oprimidos, e este é um fator decisivo para incluir ao menos parte de sua obra no âmbito da afrobrasilidade”. (DUARTE, 2011, p. 391-392)

Proença Filho (2004) assevera que a visão estereotipada da negra nas páginas da nossa ficção prevaleceu na literatura Brasileira contemporânea até os anos 1960, começa a surgir o engajamento literário dos escritores comprometido com a etnia. Após a independência, o Brasil tinha necessidade de se fazer uma literatura diferente da de Portugal, promover uma brusca mudança para se ter uma identidade nacional. Conforme Zila Berned (1992, p. 14):

Nesta medida, o conceito de literatura negra associa-se à existência, no Brasil, de uma articulação de textos dada por um modo negro de ver e de sentir o mundo, transmitindo por um discurso caracterizado, seja no nível de escolha lexical, seja no nível dos símbolos utilizados, pelo desejo de resgatar uma memória negra esquecida.

Pode se dizer neste sentido, os escritores se voltam para construir uma literatura que representasse nosso país. O discurso literário assume um lugar de apropriação de uma identidade como sujeito enunciador. Como cita Bernd (1992, p. 14): *um sujeito enunciador que assume sua condição negra no tecido poético revoga o uso tradicional onde o negro era o outro, era objeto (conteúdo, tema) e não sujeito.*

A partir da segunda metade do século XX, no Brasil, os críticos direcionaram o olhar para universo negro e os personagens representados na nossa ficção, tanto na prosa quanto na poética. Na literatura, o negro ganhou espaço a partir do final dos anos 1970, quando os escritores começaram a se articular coletivamente. O marco inicial, com a publicação dos

Cadernos Negros surgiu em São Paulo em 1970, produções artísticas dos afro-brasileiros que são publicados anualmente.

No terreno da literatura, como exemplares, da verbalização artísticas em afirmar suas raízes identitárias, elegemos alguns nomes de Oswaldo de Camargo, Solano Trindade, Nei Lopes entre outros. Raymond Sayers, Teórico e crítico literário estadunidense, publicou seu livro, *O negro na literatura brasileira* (1958), elenca o negro como um dos personagens essenciais à nossa literatura “O negro tem sido um importante elemento da literatura brasileira ao longo da maior parte de sua história [...] é uma figura especialmente importante na literatura do século XIX”. (SAYERS, 1958, p. 430)

Neste sentido, outras publicações a respeito do negro foram surgindo, como o livro *O negro escrito: apontamentos sobre a presença do negro na literatura* (1987), de Oswaldo Camargo trabalha com a visão de resistência negra na literatura, na perspectiva do olhar de um negro sobre o negro. Heloísa Toller Gomes na sua obra, *O negro no romantismo brasileiro* (1998), na perspectiva de um novo olhar crítico. Nesse viés do compêndio crítico, cita importantes autores abolicionistas negros, como José Patrocínio e Luiz Gama.

Como bem assegura Bayer e Girola (2009), no artigo *Figura institucionalizada pelo “cânone brasileiro”: o negro como persona na literatura nacional* apresentam reflexões sobre a maneira como é difundido o preconceito racial no Brasil por meio da literatura. A personagem Aramide do conto *pai contra a mãe* (1906), de Machado de Assis. Encena a mulata Arminda escrava fugida e grávida aprisionada por Cândido Neves. Sendo amarrada e arrastada pelas ruas na total brutalidade que provocou o aborto.

Arminda voltou-se sem cuidar malícia. Foi só quando ele, tendo tirado o pedaço de corda da algibeira, pegou dos braços da escrava, que ela compreendeu e quis fugir. Era já impossível. Cândido Neves, com as mãos robustas, atava-lhe os pulsos e dizia que andasse. A escrava quis gritar, parece que chegou a soltar alguma voz mais alta que de costume, mas entendeu logo que ninguém viria libertá-la, ao contrário. Pediu então que a soltasse pelo amor de Deus – Estou grávida, meu senhor! exclamou. Se Vossa Senhoria tem algum filho, peço-lhe por amor dele que me solte; eu serei tua escrava, vou servi-lo pelo tempo que quiser. Me solte, meu senhor moço!

– Siga! repetiu Cândido Neves.

– Me solte!

– Não quero demoras; siga! [...] Arminda caiu no corredor. Ali mesmo o senhor da escrava abriu a carteira e tirou os cem mil-réis de gratificação. Cândido Neves guardou as duas notas de cinquenta mil-réis, enquanto o senhor novamente dizia à escrava que entrasse. No chão, onde jazia, levada do medo e da dor, e após algum tempo de luta a escrava abortou.

Na narrativa Machadiana, expressa o racismo estrutural do Brasil escravista, controle social imposto pela ordem dominante. Arminda, mulher grávida e escrava vítima da

crueldade do sistema escravocrata brasileiro, sendo capturada por Cândido Neves, que tem como ofício caçador de escravos fugidos. O conto mostra a condição da mulher negra escrava, Machado tece o conflito demarcado de violência física que acarreta o aborto.

No século XX Lima Barreto (1881-1922), no romance *Clara dos Anjos* publicado (1948), tendo a protagonista mulata, o autor denuncia o preconceito contra os negros e pobres, principalmente contra a mulher. Conforme o trecho Barreto (1998, p.171-172).

- Ora, vejam vocês, só! É possível?
É possível admitir-se meu filho casado com esta... As filhas intervieram: - Que é isto, mamãe?
A velha continuou- Casado com gente dessa laia... Qual! [...] Que diria meu avô, Lord Jones, que foi cônsul da Inglaterra em Santa Catarina - que diria ele, se visse tal vergonha?
Qual! Parou um pouco de falar; e, após instantes, aduziu: - Engraçado, essas sujeitas! Queixam-se de que abusaram delas... É sempre a mesma cantiga... Por acaso, meu filho as amarra, as amordaça, as ameaça com faca e revólver? Não. A culpa é delas, só delas...
[...] —É favor, minhas senhoras; retirem-se, sim? Na rua, Clara pensou em tudo aquilo, naquela dolorosa cena que tinha presenciado e no vexame que sofrera. Agora é que tinha a noção exata da sua situação na sociedade.
[...] Num dado momento, Clara ergueu-se da cadeira em que se sentara e abraçou muito fortemente sua mãe, dizendo, com um grande acento de desespero:
- Mamãe! Mamãe!
- Que é minha filha?
- Nós não somos nada nesta vida.

O autor Lima Barreto, volta para denunciar em sua obra o preconceito racial e as humilhações impostas à protagonista Clara dos Anjos por ser de ascendência negra e pobre. A personagem filha de um carteiro, mora no subúrbio carioca. Seduzida por Cassi, rapaz de cor branca, após ficar grávida é abandonada. Clara dos Anjos é insultada pela mãe do rapaz, desse modo, a personagem sofre o preconceito de raça e classe, além da violência psicológica. A personagem Clara, tida como ingênua reconhece o sistema opressor e sua condição de mulher negra imposta pela sociedade.

A produção Afrobrasileira desconstrói o estereótipo filtrado no cânone tradicional, superando o “olhar de fora”, neutralizando a insensibilidade para o olhar do negro. O negro não só tem cor, tem alma, emoções, sensações e pode ocupar o lugar como sujeito. Na percepção de Gregório de Matos, a mulher negra só foi focalizada através de um olhar diferenciado, a partir do romantismo. A figura do negro transpõe todo o nosso modernismo. Conforme Paulo Colina (1987 p.11) a figura do negro “sempre foi um dos grandes temas da literatura brasileira. Sem ele, não teríamos, com certeza, a ficção que temos”.

Com o marco inicial a partir da publicação do primeiro romance abolicionista de autoria feminina de Maria Firmina dos Reis, *Úrsula* (1859) e do conto *A escrava* (1887),

torna a visibilidade e voz a escrava. A personagem Suzana, a autora diferencia a representação rompendo com o protagonismo.

Meteram-me a mim e a mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativo no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias de cruéis tormentos, e de falta absoluta de tudo quanto é mais necessário à vida passamos nessa sepultura até que abordamos às praias brasileiras. Para caber a *mercadoria humana* no porão fomos *amarrados* em pé e para que não houvesse receio de revolta, acorrentados como os animais ferozes das nossas matas, que se levam para recreio dos potentados da Europa. Davam-nos a água imunda, podre e dada com mesquinhez, a comida má e ainda mais porca: vimos morrer ao nosso lado muitos companheiros à falta de ar, de alimento e de água. É horrível lembrar que criaturas humanas tratem a seus semelhantes assim e que não lhes doa a consciência de levá-los à sepultura asfixiados e famintos! (REIS, 2018, p. 71)

A protagonista mãe Susana, relata como foi cruelmente sequestrada na África em condições desumanas. Já no conto *A escrava*, de Reis é marcada pela desconstrução do estereótipo culto carnal a mulata, Reis (2018, p. 166-171):

— Maldita negra! Esbaforido, consumido, a meter-me por estes caminhos pelos matos em procura da preguiçosa... Ora! Hei de encontrar-te; mas, deixa estar, eu te juro, será esta a derradeira vez que me incomodas No tronco... no tronco: e de lá foge!

— Então, – perguntei-lhe, aparentando o mais profundo indiferentismo, pela sorte da desgraçada, – foge sempre?

— Não sabe, minha senhora, eu morro, sem ver mais meus filhos!

Meu senhor os vendeu... eram tão pequenos... eram gêmeos. Carlos, Urbano...Tenho a vista tão fraca... é a morte que chega. Não tenho pena de morrer, tenho pena de deixar meus filhos... meus pobres filhos! Aqueles que me arrancaram destes braços... Este que também é escravo! E os soluços da mãe confundiram-se por muito tempo com os soluços do filho.

Era uma cena tocante e lastimosa, que despedaçava o coração.

Ah! Maldição sobre a opressão! Maldição sobre o escravocrata!

No conto, *A escrava*, narrado por uma senhora membro da sociedade abolicionista, relata a história da escrava Joana que teve seus filhos vendidos, sendo cruelmente escravizada e oprimida. Sobre as narrativas Literárias de Maria Firmina dos Reis, Lourenço afirma:

Maria Firmina dos Reis, com sua obra deu ao negro uma configuração negada, a de ser humano, portados de sentimentos, memória e alma. Não coisas obsoletas, como ideologia dos escravocratas os faziam acreditar, sempre subestimando a capacidade de raça africana. É aí que se concentra seu grande mérito e originalidade. Reis, pautada no ponto de vista do Outro, coloca como linha norteadora de suas narrativas a questão do escravo, denuncia as vozes legitimadoras da escravidão, e acima de tudo, aponta o lugar obscuro que cercava a mulher, tanto a escrava como a mulher livre, no contexto cultural e político do Brasil oitocentista. (LOURENÇO, 2015, p. 122)

Maria Firmina foi a voz feminina brasileira a fazer um registro sobre a temática do negro na literatura do país, adotando um posicionamento antiescravista em pleno Brasil escravocrata.

Na antologia *Questão de Pele* em relação aos corpos negros representados nas nossas Letras de maneira desprezível na construção do personagem negro, a autora Evaristo Conceição (2009, p. 23):

A visão do corpo negro como “coisa” desprovida de qualquer subjetividade deixou as suas reminiscências na literatura brasileira. Encontramos ainda textos em que metaforicamente o negro surge aprisionado por um olhar que insiste em considerá-lo como estranho, o diferente, o Outro. O corpo negro aparece como um simples objeto a ser descrito.

As produções literárias de Conceição Evaristo provocam profundas reflexões nas questões de Identidade, gênero e violência. A violência contra a mulher é uma das temáticas recorrentes na sua escrita. A autora aborda na literatura personagens ficcionais, sobretudo mulheres protagonistas negras tratando de questões de classe, gênero e etnia com o novo paradigma. O olhar diferenciado de dentro (e fora) para mulheres esquecidas, violentadas, inferiorizada na sociedade dando voz e resistência. A escrita da autora, se destaca pela forma poética comprometida em resgatar a memória e história dos afrodescendentes.

2 GRITOS, SUSSURROS E SILÊNCIOS: OS GRILHÕES INSTITUCIONAIS EM TORNO DA MULHER NEGRA

“Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela”.

Ângela Davis

A questão da violência contra a mulher como tem sido discutida é histórica, se fez e continua presente na vida da mulher elitista, bem como da mulher negra pobre, proletariado e até da mulher negra letrada e com boa condição social. A sutil diferença existente é que enquanto a mulher branca elitista pode usufruir de uma vida com bem-estar, não precisar trabalhar, não tem coragem de denunciar a violência sofrida. Enquanto, a mulher negra foi e continua sendo obrigada a trabalhar do passado à modernidade e conviver com a violência no seu cotidiano é “aceitar como legítimo atos cruéis e desumanos que afetam a sua integridade física e psicológica e representa grave violação de seus direitos humanos”. (LUZ; CASAGRANDE, 2016, p. 18)

Por muito tempo, as violências contra a mulher foram socialmente aceitas, o que impregnou as identidades culturais de homens e mulheres de um grau elevado de tolerância para com tais manifestações de agressividade. Essa aceitação sociocultural das violências contra a mulher foi tão bem alicerçada ao longo dos tempos que, até nos dias atuais, quando inclusive a legislação reprova essa forma de violência, as mulheres vitimadas possuem dificuldade de reconhecer as agressões sofridas como sendo violência. (GAUER, 2003, p. 13)

Luz e Casagrande (2016) ainda nos remete a conclusão que a violência por ter se tornado parte da cultura de muitas sociedades, a mulher acabou aceitando-a no seu cotidiano das várias violências sofridas como um elemento natural da vida em sociedade e em especial, da vida conjugal. *O problema da violência faz parte do cotidiano das relações entre homens e mulheres no Brasil. Pode-se considerá-lo como um grave problema enraizado no tecido social brasileiro.* (CARDOSO, 2008, p. 260)

Embora a violência esteja presente também na vida das mulheres brancas, a que atinge as mulheres negras sempre alcançou e continua alcançando índices maiores em relação as não negras. Assim, *as relações desiguais de gênero estabelecidas em nosso país associadas à cultura patriarcal, ao machismo, as opressões de raça, etnia, desigualdade social, e muitas outras intolerâncias são mais expressivas no cotidiano da mulher negra.* (CARNEIRO, 2017)

Na expressiva Conferência Mundial Sobre Direitos Humanos:

Em 1993, as Nações Unidas realizaram a Conferência Mundial sobre Direitos Humanos, que reconheceu a violência contra a mulher como obstáculo ao desenvolvimento, a paz e aos ideais de igualdade entre os seres humanos. Considerou também que a violência contra a mulher é uma violação aos direitos humanos, e que se baseia principalmente no fato de a pessoa agredida pertencer ao sexo feminino. (JESUS, 2015, p. 16)

Nota-se claramente na citação acima destacada que no Brasil, a mulher negra permanece vivendo num estado de desproteção e opressão social, sobre as mesmas recaem os maiores índices de violência, de baixa escolarização, de mulheres analfabetas funcionais ou analfabetas completas, de acesso apenas a cargos de trabalho menos privilegiados, enfim, uma segregação racial num país que figura sob a prerrogativa de ser um Estado Democrático e de Direitos, mas que continua “operando sob a lógica do patriarcalismo, da cultura eurocêntrica que legitima a desigualdade de gênero, a desigualdade social.” (NEVES, 2009, p. 17)

A multicausalidade da violência contra a mulher é muito fenômeno muito preocupante dado o fato de que a mesma pode ser física, sexual, psicológica, moral, patrimonial e doméstica e cada forma com que a violência se manifesta tende a produzir diferentes sequelas na vida da vítima. Para maior entendimento da magnitude com que a violência contra a mulher acontece, expõe-se a seguir as principais manifestações e sequelas biopsicossociais que provocam, uma vez que seus reflexos minimizam as chances da mulher, quer seja esta negra ou branca ser respeitada na sociedade.

Violência física – é aquela que é perpetrada no corpo da mulher por meio de socos, empurrões, beliscões, mordidas e chutes. Ou por meio de atos ainda mais graves, como queimaduras, cortes e perfurações feitas com armas brancas (facas, canivetes, estiletes etc) ou armas de fogo.

Violência sexual – é aquela em que a vítima é obrigada, em geral por meio do uso de força, coerção ou ameaça, a manter relações ou a praticar atos sexuais que não deseja. Muitas vezes o agressor é o próprio marido ou companheiro que se sente no direito de satisfazer seu desejo sexual independente da vontade da mulher, uma vez que mantém com esta uma relação de casamento, namoro ou companheirismo.

Violência psicológica – é aquela em que a mulher tem sua autoestima atingida por agressões verbais constantes: ameaças, insultos, comparações, humilhações e ironia. Muitas vezes a mulher é proibida de se expressar, estudar, sair de casa, trabalhar, escolher o que vestir etc. Esta forma de violência é, em geral, mais sutil, mas não menos daninha. Enfraquece a capacidade de reagir ante a agressão.

Violência moral - Pode ser entendida como uma das manifestações da violência psicológica, uma vez que para violentar psicologicamente é necessário também desmoralizar, colocar em dúvida a idoneidade moral da mulher. A violência moral consiste em calúnias, difamações ou injúrias que afetam a honra ou a reputação da mulher. Deve ser entendida como uma forma de julgamento, controle e limitação

da sexualidade das mulheres. Trata-se, pois, da dupla moral que estabelece parâmetros diferenciados e desiguais para homens e mulheres.

Violência patrimonial- Configura-se por ações ou omissões que impliquem em dano, perda, subtração, destruição, retenção de objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores, direitos ou recursos econômicos destinados a satisfazer as necessidades da mulher. A violência patrimonial, muitas vezes, é utilizada como forma de limitação da liberdade da mulher, inclusive de ir e vir, na medida em que lhe são retirados meios para a própria subsistência.

Violência doméstica - É aquela praticada dentro do lar (ou no espaço simbólico representado pelo lar). Fundamenta-se em relações interpessoais de desigualdade e de poder entre mulheres e homens ligados por vínculos consanguíneos, de afetividade, de afinidade ou de amizade. O agressor se vale da condição privilegiada de uma relação de casamento, convívio, confiança, amizade, namoro, intimidade, privacidade que tenha ou tenha tido com a vítima. (BRASIL, 2004, p. 10)

Depreende-se do exposto acima que, em qualquer forma ou lugar em que aconteça, a violência destrói a personalidade da mulher, aniquila sua condição de cidadã, expondo-a a situações que interfere em seu bem-estar biopsicossocial, que degeneram sua dignidade humana, uma vez que a mesma produz graves consequências sociais tanto para a vítima quanto para os filhos que são obrigados a conviver diariamente com o agressor, presenciando e participando indiretamente de situações de violação de direitos humanos da mulher.

O tema da violência é extremamente complexo, as manifestações agressivas envolvem fatores biopsicossociais, especificamente em relação à violência contra as mulheres, os aspectos psicológicos e sociais imbricados entre si são os que ganham maior evidência. (CELMER, 2010, p. 75)

De acordo com o discutido até o presente momento, fica nítido que em todos os casos em que ocorre violência contra a mulher sempre há inúmeras consequências para sua saúde física e psíquica. Além de atingir a mulher, a violência também provoca grande desequilíbrio emocional nos/as filhos/as, existe vários estudos da psicologia, da antropologia, da sociologia e outras ciências que são unânimes em afirmar que crianças, adolescentes e jovens que convivem em lares agressivos, acabam sofrendo várias distorções na formação de sua personalidade. “Quando adultos, tendem a compreender a violência como uma atitude normal e em muitos casos, alguns acabam se tornando agressores de mulheres”. (JACQUES *et al.*, 2011, p. 143)

Embora a mulher tenha conseguido nas últimas décadas ocupar espaços diferentes na sociedade, no universo acadêmico, a violência de gênero está presente no mercado de trabalho, um ambiente em que a mulher branca, negra, luta pela sobrevivência, no qual vê-se desafiada cotidianamente a enfrentar práticas discriminatórias, que se expressam nos salários, cargos e posições de hierarquia ocupados, abuso sexual, assédio moral, situações que

colocam em risco sua integridade física e psicológica, uma vez que como bem adverte Neves, (2009, p. 43):

O assédio moral cria situações hostis para a mulher enfrentar, mitiga sua condição de cidadã de direitos à medida que a vítima é envolvida numa situação imposta por superiores que atingem sua personalidade, já que muitas, por medo de perder o emprego face suas necessidades de subsistência, são impelidas a suportarem atos de humilhações, clima hostil de convivência no espaço de trabalho e, em muitos casos, essas situações obrigam a mulher a manter relações sexuais com os agressores contra sua vontade, enfim, situações que maculam sua dignidade, integridade psíquica ou física, geram absenteísmo devido os fatores desgastantes que provoca.

No Brasil, bem como em outros países, a violência contra a mulher permanece atuante na mitigação da sua dignidade e condição de cidadã de direitos, entretanto, “no Brasil ela tem se tornado um grave problema social e de saúde pública que ainda não foi devidamente equalizado como exige a legislação brasileira”. (JESUS, 2015, p. 48)

Cabe aqui abrir um parêntese para destacar que apesar da Constituição Federal (1988) ter estabelecido em nosso país princípios de promoção e proteção da dignidade humana de mulheres como ver-se a seguir:

Art. 5º - Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

- I – homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição;
- II – ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei;
- III – ninguém será submetido à tortura nem a tratamento desumano ou degradante [...]. (BRASIL, 2014, p.9).

E da Lei Maria da Penha (Lei Federal nº 11.304/06) ter implementado um sistema jurídico de proteção social à mulher que já conta com mais de uma década de autorgação, “a violência contra a mulher em todas as suas diferentes formas permanecem presente em todos os espaços sociais”. (JESUS, 2015, p. 49)

Importante mencionar que da antiguidade à modernidade as mulheres negras têm sido atingidas pela violência com maior incidência que a branca conforme mostra a pesquisa “Visível e Invisível: a Vitimização de Mulheres no Brasil”, realizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), Instituto Datafolha com o apoio do Instituto Avon e do Governo do Canadá em março de 2017:

O Fórum Brasileiro de Segurança Pública estima que ao menos 16,1 milhões de brasileiras tenham sofrido algum tipo de violência no período de um ano, mas o

número pode chegar a 19,9 milhões (teto da margem de erro). A maior incidência de agressão foi manifestada entre as mulheres negras (31%); seguidas pelas brancas, com índice de 25%. (FBSP, 2017, p. 35)

No contexto da territorialidade, a pesquisa apontou que nos últimos dez anos, a violência contra a mulher apresentou aumento expressivo na Região Nordeste com o percentual de 76%, seguida da Região Sudeste cujo percentual foi de 73% (FBSP, 2017, p.9). Quanto à cultura do silenciamento, dentre os homens pesquisados, 68% afirmaram que presenciaram nos últimos doze meses do ano de 2016 mulheres sendo vítimas de violência, mas nenhum denunciou. Dentre as vítimas, apenas 11% procurou ajuda em delegacias, 13% apoio da família e, 52% não fizeram nada. (FBSP, 2017, p. 12)

Conforme os dados acima destacados, a situação da mulher negra no Brasil a cada dia apresenta-se mais complexa, pois ela não convive nem sofre um único tipo de violência, mas múltiplas violências e todas, em menor ou maior grau produzem impactos no âmbito da vida privada, do convívio com seus demais familiares que a condenam por permanecer presa a violência, mas também não lhes prestam o apoio necessário em termos de acolhimento e subsistência, por outro lado, a sociedade condena a mulher e sempre a julga culpada, pois essa é a cultura que predomina no Brasil, um país fortemente marcado pelo patriarcalismo, que traz as marcas da impunidade enraizada desde a fase da sua colonização e o pior de tudo, é que esse acultramento ideológico, antiético, discriminatório tem sido repassado de pai para filho, uma cultura ideológica que precisa ser transformada, melhor dizendo erradicada da sociedade. (LUZ; CASAGRANDE, 2016, p. 31)

O patriarcalismo que impera na sociedade torna-se terreno fértil para a prática da violência de gênero, ratificando a dominação masculina praticada pelo homem e de forma inconsciente, mas constante, aceita pela mulher, cuja educação familiar transferiu-lhe a noção de que tal “submissão” é normal, quando na verdade coloca-a em posição desigual na relação conjugal. (GAUER, 2003, p. 22)

Dialogando com o pensamento acima, Saffioti (2004) traz uma importante contribuição ao estudo ao destacar:

Sobretudo em se tratando de violência de gênero, e mais especificamente intrafamiliar e doméstica, são muito tênues os limites entre quebra de integridade e a obrigação de suportar o destino de gênero traçado para as mulheres: sujeição aos homens, sejam pais ou maridos. (SAFFIOTI, 2004, p. 75)

Confirmando o que tem sido discutido nesse estudo, a autora acrescenta ainda que “a vitimização da mulher negra é sempre maior que a da branca, reforçando a situação de

vulnerabilidade sobre o ponto de vista da etnia ou raça”. (SAFFIOTI, 2004, p. 75). Ou seja, como decorrência da ideologia fundamentada desde os tempos de nossa colonização, a mulher negra permanece condicionada a subordinação que continua constante na sociedade brasileira até a presente data.

Essa desigualdade de gênero acaba minimizando qualquer tipo de empoderamento e valorização da mulher negra, uma vez que para sobreviver ao machismo, preconceito racial, discriminação, racismo, a mulher vê-se forçada a naturalizar a violência que lhe tem sido imposta por cônjuges, companheiros, namorados à medida que a violência tem sido constantemente banalizada na sociedade brasileira desde o período escravocrata aos dias atuais, “contrariando o previsto nas leis e normalizando atos cruéis e desumanos de violação da integridade feminina”. (CELME, 2010, p. 20)

2.1 A DENÚNCIA DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA NARRATIVA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

“Onde estão as marcas literárias da violência a que cotidianamente as mulheres são submetidas? Onde, as dores do espancamento, do estupro, do aborto?”.

Constância Lima Duarte

Prosseguindo na discussão, nessa parte do estudo nos dedicamos a análise e reflexão da narrativa de Conceição Evaristo, uma escritora que tem promovido com seus escritos um repensar em torno da condição da mulher negra no Brasil ao expor diferentes formas como a violência, a discriminação e o preconceito racial se faz presente na vida da mulher negra.

O leitor, ao debruçar-se sobre os escritos de Evaristo depara-se com um histórico de violência, racismo, segregação racial, preconceito, dominação masculina, desigualdade de gênero que tem sido um contínuo na vida da mulher negra, mas sempre obliterada na sociedade brasileira pelo falso discurso de que em nosso país temos uma democracia racial.

Na América Latina, gerações e gerações viveram uma realidade em que as mulheres eram consideradas inferiores aos homens. Como isso era encarado como parte do destino das mulheres, tudo parecia normal e a autoridade masculina sobre as mulheres não era questionada. (NOBRE; FARIA; SILVEIRA, 2005, p. 15)

Na literatura afrobrasileira, especialmente, *Insubmissas Lágrimas de Mulher*(2011), Evaristo transcende o papel canônico destinado a mulher escritora no Brasil ao narrar histórias verídicas de mulheres negras que viram-se forçadas a suportar no seu cotidiano o

convívio com companheiros agressores e simultaneamente, coloca em evidência reflexos da dominação patriarcal que por séculos tem sido imposta à mulher negra em nosso país, violência que vem ao longo das últimas décadas desse século alcançando índices mais elevados que a violência sofrida pela mulher branca.

Na concepção de Saffioti (2000, p. 16): “[...] a supremacia masculina perpassa todas as classes sociais, contudo, na sociedade brasileira, contudo, essa supremacia é mais incidente sobre as mulheres negras e pobres.”. Embora a violência também atinja a mulher branca elitista, pobre, na vida da mulher negra ela tem sido parte do seu cotidiano. (ALMEIDA, *et al*, 2020)

A partir de a discussão a seguir, o estudo concentra-se no conto de vida de três mulheres negras narradas em “Insubmissas Lágrimas de Mulher” (2011). A história de Aramides Florença, Shirley Paixão e Lia Gabriel, três mulheres fortes, ousadas que mesmo convivendo com diferentes violências, conseguiram sair do ciclo de dominação psicológica e física que a violência desencadeia na vida privada e social de quem é atingida pelo que podemos chamar de uma violação da dignidade humana.

2.2 ARAMIDES FLORENÇA: DO AMOR À DESILUSÃO SOFRIDA

A primeira narrativa analisada e discutida reflexivamente nesse estudo é a história de Aramides Florença, primeiro conto de *Insubmissas Lágrimas de Mulher*. Aramides é descrita pela voz narradora de Evaristo como sendo uma mulher que acalentou o sonho de amar e ser amada, de construir uma família com o esposo e assistiu tudo isso dissolvesse pelo ciúme extremo do marido contra o próprio filho Emildes. Florença idealizava ter um filho com um homem ideal, até então correspondia as suas expectativas, trabalhava como chefe do departamento de pessoal de uma empresa promissora, e seu homem funcionário de um banco.

A primeira violência sofrida ocorreu no período de gestação, Aramides ao deitar-se na cama sofreu um pequeno corte no ventre provocado por um aparelho manual de barbear.

Um dia, algo dolorido no ventre de Aramides inaugurou uma perturbação entre os dois. Já estavam deitados, ela virava para lá e para cá, procurando uma melhor posição para encaixar a barriga e, no lugar em eu se deitou, seus dedos esbarraram-se em algo estranho. Lá estava um desses aparelhos de barbear em que se acopla a lâmina na hora do uso. Com dificuldade para se erguer, gritou de dor. Um filete de sangue escorria de uns dos lados de seu ventre. (EVARISTO, 2011, p. 14)

O fato que provocou na protagonista as primeiras inquietações e desconfiança na reação amorosa que havia sido estabelecida entre o casal. Conforme o trecho citado acima encena a primeira violência sofrida.

O homem, pai do filho de Aramides Florença, não soube explicar a presença do objeto ali. Talvez tivesse sido na hora em que ele foi preparar a cama dos dois... Talvez ele estivesse com o aparelho na mão. Talvez... Quem sabe... (EVARISTO, 2011, p. 15)

Sobre a dissimulação que homens violentos tendem a passar na relação conjugal, em especial quando comete alguma atrocidade, Neves (2009, p.25) nos conduz a conclusão que tal atitude é comum, faz parte da natureza masculina e tem como objetivo: “Iludir a vítima, mantendo-a subjugada aos caprichos masculinos e passar para a vítima a ilusão de arrependimento do ato cometido.”.

Completando a citação acima, Almeida (2020, p.39) relata: *desculpas, promessas e agradecimentos são ações comuns após episódios de violência*.

Prosseguindo na narrativa, Evaristo (2011) relata que passadas algumas semanas, ocorreu outro episódio similar ao anterior, o que levou Aramides a perder a confiança que tinha no marido. No primeiro episódio, sofreu um corte em seu ventre, nesse segundo foi vítima de uma queimadura, num momento em que admirava a barriga no espelho do banheiro estando agora com nove meses de gestação:

Pelo espelho, viu seu homem se aproximar cautelosamente. Adivinhou o abraço que receberia por trás. Fechou os olhos e gozou antecipadamente o carinho das mãos do companheiro em sua barriga. Só que, nesse instante, gritou de dor. Ele, que pouco fumava, e principalmente se estivesse na presença dela, acabara de abraçá-la com o cigarro aceso entre os dedos. Foi um gesto rápido e violento que o cigarro foi apagado no ventre de Aramides. (EVARISTO, 2011, p. 15)

Após o nascimento do bebê, Aramides voltou a viver em harmonia com o marido, como uma sagrada família e até caiu no esquecimento às agressões sofrida pelo marido. Após duas semanas do nascimento de Emildes, o ciúme que o marido sentia do filho, ficaram nítidos e incontestáveis.

Passadas as duas primeiras semanas uma noite já deitados, o homem, olhando para o filho no berço, perguntou a Aramides quando ela novamente seria dele, só dele. [...] E foi tão violento o bater de porta quando ele abandonou o quarto, que o bebê, antes tão em paz, acordou chorando. Cenas mais ou menos semelhantes voltaram acontecer entre os três várias vezes. Um medo começou a rondar o coração e o corpo de Aramides. (EVARISTO, 2011, p. 16-17)

O convívio com seu marido passou a ser insuportável, as suas atitudes grosseiras causaram diante da sua presença insegurança. O bebê pressentia sua presença e algo lhe incomodava, uma forte sensação de medo transitava no ambiente. O desequilíbrio emocional, sentimento de poder, de posse do corpo da mulher voltou à tona e mais uma vez, Aramides foi vítima, agora de uma violência sexual.

Estava eu amamentando meu filho – me disse Aramides, enfatizando o sentido da frase, ao pronunciar pausadamente cada palavra – quando o pai de Emildes chegou. De chofre arrancou o menino dos meus braços, colocando-o no bercinho, sem nenhum cuidado. Só faltou arremessar acriança. Tive a impressão de que tinha sido esse o desejo dele. No mesmo instante, eu já estava de pé, agarrando-o pelas costas e gritando desamparadamente. Ninguém por perto para socorrer meu filho e a mim. Numa sucessão de gestos violentos, ele me jogou sobre nossa cama, rasgando minhas roupas e tocando um de meus seios que já estava descoberto, no ato da amamentação de meu filho. E, dessa forma, o pai de Emildes me violentou. (EVARISTO, 2011, p. 17-18)

Mais uma vez, percebe-se que a relação de poder, a desigualdade de gênero se faz presente na vida privada, pois *contrariando a vontade da mulher o homem mantém com ela relações sexuais. A ideologia dominante dá-lhe a capacidade de submeter à mulher a satisfação dos seus desejos.* (SAFFIOTI, 2000, p. 18)

O homem causou dores físicas e psicológicas em Aramides. De fato, o ato desumano lhe decepcionou, deixou traumas, sequelas na alma. O homem que ela teria depositado confiança, compartilhados sonhos, desejos se transformou em um desconhecido.

E, em mim, o que ainda doía um pouco pela passagem de meu filho, de dor profunda sofri sentindo o sangue jorrar. Do outro seio, o eu ele não havia tocado, pois defensivamente eu conseguiria cobrir com parte do lençol, eu sentia o leite irromper. Nunca a boca de um homem, como todo seu corpo, me causara tanta dor e tanto asco até então. (EVARISTO, 2011, p. 18)

A violência física foi brutal, no período que Aramides estava de resguardo com poucas semanas do parto, no momento em esperava do seu companheiro, cumplicidade e apoio. A maternidade deixa a mulher com muita sensibilidade, seu corpo estava totalmente despreparado para o ato sexual. O homem casou dores não só físicas, mas também psicológicas.

Aramides finaliza a narrativa da sua trágica história amorosa relatando que o marido após tê-la estuprado, deixou-a para nunca mais voltar. O abandono e o desamparo a fazem sentir como um objeto de prazer, desprovida de humanidade. Após a brutalidade sobre seu corpo “E quando ele se levantou com seu membro murcho e satisfeito, a escorrer o sangue

que jorrava de mim, ainda murmurou entre os dentes eu não queria mais, pois eu não havia sido dele, como sempre fora, nos outros momentos de prazer. (EVARISTO, 2011, p. 18)

Vê-se que o homem quando sente-se contrariado usa a força brutal para satisfazer seus desejos carnavais e ao mesmo tempo, menospreza a mulher quando está não expressa prazer pelo drama que vivencia quando é estuprada pelo homem de quem espera receber amor e respeito.

Em todo o mundo, o caso extremo do uso de poder nas relações homem-mulher escreve-se no dever sexual contido na própria legislação brasileira, entretanto, as relações sexuais nem sempre ocorrem de maneira naturalizada, o estupro tem ocupado lugar comum na vida da mulher mesmo quando está não manifesta o desejo de manter relações sexuais com marido, companheiros, namorados. (CELME, 2010)

Dialogando com a afirmação anterior, Almeida *et al*, (2020, p. 44) relata: “Historicamente, o sexo vem sendo utilizado como forma de exercer poder sobre o outro. A cultura percebe o corpo da mulher como um objeto a ser usado meramente para o prazer do outro.”. Essa ideologia faz com que o homem se sinta dono da mulher que sempre é vista como mero objeto de satisfação de seus desejos sexuais.

2.3 SHIRLEY PAIXÃO: DA INSUBORDINAÇÃO À REVOLTA CONTRA A VIOLÊNCIA PRESENCIADA NO ÂMBITO DA VIDA PRIVADA

A segunda protagonista de nosso estudo, Shirley Paixão narra sua história para Evaristo com relatos de revolta, contra o marido com quem viveu durante o período de três décadas, e presenciou um ato de violência brutal e desumana deste para com a filha Seni que nem mesmo o tempo apagou da sua memória.

Já no início do conto, Shirley revela a Evaristo sua indignação e revolta contra o marido: “*quando vi caído o corpo ensanguentado daquele que tinha sido meu companheiro, nenhuma compaixão tive [...] queria matá-lo, queria acabar com aquele malacafento, mas ele é tão ruim que não morreu.*” (EVARISTO, 2011, p. 25)

Mãe de duas meninas, Shirley construiu um relacionamento marital com um homem viúvo, pai de três filhas. Tornou-se mãe e assumiu o compromisso de amar e zelar pelo bem-estar de suas cinco filhas. E, “*as meninas, filhas dele se tornaram tão minhas quanto as minhas. Mãe me tornei de todas*”. (EVARISTO, 2011, p. 26). Todavia, Seni a filha mais velha do seu marido desde a infância apresentava um comportamento distinto. Sempre

calada, apática, quieta, porém amorosa e zelosa com as irmãs era sempre maltratada verbalmente pelo pai.

De início, Shirley associou o comportamento distinto de Seni à perda da mãe. Um dia Shirley foi chamada a comparecer na escola da menina. Sobressaltou-se ao ter sido questionada por uma das suas professoras se em casa o casal era severo com Seni, pois apesar de ter sempre as melhores notas, a menina apresentava na escola uma mania de perfeição e autocensura que chamou a atenção da professora. Shirley relatou que não eram severos, contudo, o pai implicava muito com a menina, desvalorizava-a com palavras de deboches.

Shirley saiu da escola mais preocupada com o comportamento apresentado por Seni. “Quando comentei com o pai dela a conversa e os conselhos da professora, ele teve um acesso de raiva. Só faltou agredir fisicamente a menina e acho mesmo eu não investi contra ela, porque eu estava perto”. (EVARISTO, 2011, p. 28)

A menina entrou em pânico. Chorava, agarrava-se a Shirley com força e desespero. Ante tal acontecimento, Shirley encarou o marido e percebeu que este olhava estranho para a menina de um modo que nunca havia presenciado, expulsou-o da sala.

Após acalmar Seni e conseguir fazê-la dormir, Shirley acordou horas depois sobressaltada com pedidos de socorro vindo do quarto das filhas, correu desesperada e deparou-se com a pior cena de sua vida:

Por um momento, pensei que ele, na ignorância dele, tivesse subido ao quarto para brigar mais uma vez com Seni. Foi quando assisti à cena mais dolorosa de minha vida. Um homem esbravejando, tentando agarrar, possuir, violentar o corpo nu de uma menina, enquanto outras vozes desesperadas, desamparadas, chamavam por socorro. Pediam ajuda ao pai, sem perceberem que ele era o próprio algoz. (EVARISTO, 2011, p. 29)

Diante da brutal cena de tentativa de estupro de Seni pelo pai, abuso sexual que embora Shirley não soubesse já vinha ocorrendo há vários anos, Shirley desesperada num impulso protetor reagiu contra tal violência pegou:

Uma pequena barra de ferro, que funcionava como tranca para a janela, jazia em um dos cantos do quarto. Foi só levantar e abaixar a barra. Quando vi, o animal caiu estatelado no chão. Na metade do movimento alguém me segurou – Uma vizinha. (EVARISTO, 2011, p. 29-30)

Shirley correu e abraçou a menina apertando-a forte em seu peito. O marido parecia estar morto. As vizinhas a aconselharam a fugir para evitar o flagrante. Contudo, seu instinto de mãe soou mais alto em seu peito. O marido não morreu, foi preso. Shirley passou três anos

na cadeia que na sua fala são lembrados como: “*tempos de minha meia-morte, atrás das grades, longe das minhas filhas, da minha gente por quase ter matado aquele animal*”. (EVARISTO, 2011, p.30).

Ao sair retomar os cuidados com as filhas que agora são suas, finalizando a narrativa Shirley expressa um singelo pensamento: a geração de meninas que desponta é indício de uma força feminina em crescimento que não pode, jamais, ser suplantada: “*a nossa irmandade, a confraria de mulheres, é agora fortalecida por uma geração de meninas netas que desponta*”. (EVARISTO, 2011, p. 31)

No âmbito da vida privada as mulheres lutam há várias décadas pela sua emancipação física e intelectual, juntas, unem forças para rebater todas as formas de discriminação, preconceito e violência a que estão submetidas. Lutam também para desconstruir “As situações de opressão que lhes são impostas pela cultura hegemônica masculina que só podem um dia serem suplantadas pelo empoderamento feminino”. (MUSKAT, 2011, p. 88)

2.4 LIA GABRIEL: OUTRA MULHER NEGRA VÍTIMA DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Aqui traz-se ao conhecimento do leitor a narrativa de violência contida na história da terceira protagonista de nosso estudo, Lia Gabriel, que tendo convivido com um marido agressivo, que um dia deu-lhe uma surra, finaliza sua narrativa exprimindo sentimentos de “*culpa, vergonha, remorsos por ter escolhido tal homem para ser o pai de seus filhos*”. (EVARISTO, 2011, p. 88)

Fala que já demonstra ao leitor a relação entre a situação de violência sofrida por Lia e filhos, que fez brotar na consciência da protagonista um arrependimento de ter construído relação amorosa com um homem violento, inescrupuloso, covarde, que impunha poder sobre a vítima e seus próprios filhos e filhas usando da *violência física, umas das piores formas de violência que fere tanto o corpo quanto a alma* (CELMER, 2010, p. 35)

Já no início da narração, Lia Gabriel relata a repulsa que sente do ex-marido quando exprime sua indignação mesmo sem ter sido questionada diretamente sobre a ausência deste na vida da família por Evaristo:

Do pai, com certeza você deve estar me perguntando sem perguntar. Nesse momento de nossa conversa Lia Gabriel se levantou e foi até a janela e lá ficou por uns instantes – Naquele tempo – continuou ela – o pai já tinha ido embora há quase dois anos. Saíra de casa após uma briga, em que, para me proteger peguei as crianças e fui para a casa de minha mãe cuidar de nossas feridas do corpo e da

alma. Quando retornei com as crianças, todos os compartimentos estavam vazios. Nem a cama ele deixou. (EVARISTO, 2011, p. 83)

Logo, nesse conto, a desilusão amorosa, a violência corporal, a brutalidade, a maternidade, a ausência paterna emergem como as temáticas principais abordadas. Lia Gabriel era mãe de três filhos. Máximo Gabriel, o filho mais novo da protagonista foi diagnosticado como esquizofrênico. Embora a mãe compreendesse o significado da palavra, ficou atordoada, conforme ver-se a seguir:

Esquizofrênico? Como? Por quê? Dr. Fialho, talvez apostando na minha ignorância quanto ao significado do termo, me olhou, dizendo pausadamente: Mãe, seu filho parece sofrer de esquizofrenia, isto é, é louco, doido! (EVARISTO, 2011, p. 82)

Continuando sua narrativa, Lia relata para Evaristo (2011), como foi a difícil sobreviver sem a ajuda financeira do marido e lidar com a doença de Máximo, que tornou-se mais complexa à medida que o mesmo crescia. A protagonista era professora de matemática, contudo, com a ausência do marido, larga a escola para lecionar em casa. E para aumentar a renda familiar, passou a consertar aparelhos de uso doméstico e conforme a demandou aumentou, montou uma oficina eletrônica. Metaforicamente, o ato de consertar eletrodomésticos emerge na fala de nossa protagonista, interligado ao ato de consertar a vida:

Desde menina, eu tinha certo pendor para a montagem de rádios, televisão etc. Transformei essa habilidade em profissão. Durante muito tempo, enquanto as crianças eram pequenas, sobrevivemos das aulas que eu dava em casa e do dinheiro da loja ‘Tudo tem conserto’. E tem. Consertei minha vida, cuja mola estava enferrujando. (EVARISTO, 2011, p. 84)

Um ponto trágico na narrativa surge quando a psiquiatra (Dra. Celeste) pede a Lia que fique afastada de Máximo Gabriel por alguns meses para que conseguisse descobrir que raiva contida em seu interior o levava a expressar nas crises: “o autoflagelo, choro desesperado e agressão verbal a um inimigo invisível”. (EVARISTO, 2011, p. 84)

Nessa parte do conto, a voz narrativa de Lia exprime uma dor interior que a acompanhava há treze anos, um relato verídico da crueldade masculina vivida pela protagonista e seus filhos:

Era uma tarde de domingo, eu estava com as crianças assentadas no chão da sala, fazendo uns joguinhos de armar, quando ele entrou pisando grosso e perguntando pelo almoço. Assentada, eu continuei e respondi que o prato dele estava no micro-ondas, era só ele ligar. Passados uns instantes ele, o cão raivoso, retornou à sala,

avançou sobre mim, arrastando-me para a área de trabalho. Lá, abriu a torneira do tanque e, tampando a minha boca, enfiou minha cabeça debaixo d'água, enquanto me dava fortes joelhadas por trás. Não era a primeira vez que ele me agredia. As crianças choravam aturdidas. Eu só escutava os gritos e imaginava o temor delas. Em seguida, ele me jogou no quatinho de empregada e, com o cinto na mão, ordenou que eu tirasse a roupa, me chicoteando várias vezes. [...]. Depois, ele voltou à sala e trouxe o meu menino, já nu, arremessando a criança contra mim. Amparei meu filho em meus braços, que já sangravam. Começou, então, nova sessão de torturas. Ele me chicoteando e eu, com Gabriel no colo. E quando uma das chicotadas pegou o corpo do menino, eu só tive tempo de me envergar sobre meu filho e oferecer minhas costas e minhas nádegas nuas ao homem que me torturava. (EVARISTO, 2011, p. 86-87)

A partir da narração, a psiquiatra revela a Lia quem era o inimigo invisível com quem Máximo Gabriel brigava e o motivo de todas as suas crises: o pai era o monstro que nas crises Gabriel exprimia o desejo de matar. A violência sofrida atingiu a criança ao ponto de levá-la a desenvolver uma doença mental que o acompanharia pelo resto da vida.

Endossando o exposto acima, Taquette *et al*, (2007, p. 43) nos remete à seguinte conclusão:

A violência contra crianças e adolescentes que ocorre na família corresponde a aproximadamente 90% dos casos conhecidos ou denunciados, percebemos então que a família é a maior responsável pela violência contra crianças e adolescentes, enquanto deveria ser um ambiente privilegiado de amor, respeito e proteção, fundamentais para um desenvolvimento sadio.

Deriva da assertiva acima a compreensão de que a violência que a mulher sofre provoca sequelas que atingem as crianças no seu desenvolvimento psíquico gerando problemas neurológicos que afetam para sempre a sua qualidade de vida, assim, a família toda é seriamente prejudicada quando a violência está presente no seu cotidiano (ALMEIDA *et al*, 2020)

Como mãe amorosa, zelosa, Lia finda a narrativa revelando a esperança de que um dia, o filho consiga superar a imagem do monstro que ficou impregnada em sua mente. Esperança que muitas mães apresentam quando os filhos desenvolvem problemas de ordem neuropsicológica por conviverem em lares em que são vítimas da violência por parte do pai. No Brasil, bem como em outros países, muitas mulheres se submetem a violência para manter os laços matrimônios, entretanto, no momento em que conseguem se desvencilhar de relacionamentos amorosos violentos, “Lutam para apagar da sua memória e da memória dos/as filhos/as às situações opressoras que produziram marcas nos corpos e na alma”. (BLAY, 2014, p. 23)

Ao tecer importantes considerações sobre a violência intrafamiliar, Pinho (2011, p. 112) esclarece que:

A pessoa humana deve ser protegida em seus múltiplos aspectos: vida, integridade física, honra e liberdade individual. Não basta garantir um simples direito à vida, mas assegurá-lo com o máximo de dignidade e qualidade na existência do ser humano. A integridade física deve ser entendida como o absoluto respeito à integridade corporal e psíquica de todo e qualquer ser humano. Em diversos dispositivos do art. 5º a Constituição reflete essa preocupação. Estabelece o inciso III que “ninguém será submetido à tortura nem a tratamento desumano ou degradante”.

Essas medidas visam garantir que as crianças e adolescentes possam usufruir de um ambiente que respeite sua condição de sujeito em desenvolvimento. Contudo, é preciso considerar que apesar da vasta legislação protetiva, nossas criança e adolescentes continuam sendo submetidas à violência intrafamiliar.

As mulheres vítimas desse tipo de violência, se toleram ou não a situação paga um alto preço: sua saúde e, por vezes, a dos filhos’. (ALMEIDA *et al*, 2020, p.33). Ou seja, a violência que costumeiramente ocorrem no espaço doméstico produz sequelas que afetam a mulher e os filhos e superá-las é difícil visto que seus reflexos ficam impregnados na mente e na alma das vítimas.

2.5 VIOLÊNCIAS QUE SE ENTRELAÇAM EM INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHER: ROMPENDO O SILÊNCIO E SUPERANDO A INSUBORDINAÇÃO

“Rasurando um antigo tecido: nossa escrivivência cosendo fios de nossas vestes”.

(Conceição Evaristo)

No contexto de enfrentamento da violência simbólica, física, moral, psicológica, patrimonial a que muitas mulheres estão condicionadas, o que torna Insubmissas Lágrimas de Mulher uma literatura de valor incontestável para o cânone literário brasileiro é o fato de que Aramides Florença, Shirley Paixão e Lia Gabriel não se intimidaram, pelo contrário, se ergueram e lutaram contra a força e o poder patriarcal de seus agressores no âmbito da vida privada, um cenário social em que raramente a violência é denunciada.

Nos três contos analisados, a temática do amor, da violência física, simbólica, psicológica, amor maternal, abandono marital, violência patrimonial, desigualdade de gênero, insubordinação se entrelaçam nos momentos de violência enfrentados pelas protagonistas que embora tenham conseguido superar o ciclo da violência trazem na memória as dores e a desilusão amorosa sofrida, uma vez que, *todo ato de violência doméstica*

impregna a alma da mulher de dores que mesmo após a separação são difíceis de serem superadas. (LUZ; CASAGRANDE, 2016, p. 48)

Outro ponto importante que precisa se realçado no estudo é o fato que as protagonistas referenciadas na pesquisa não eram mulheres extremamente vulnerável. Aramides “chefe de departamento pessoal de uma promissora empresa, ele, funcionário de um grande banco”. (EVARISTO, 2011, p. 13)

Lia Gabriel professora de Matemática e desenvolveu a habilidade de consertar objetos eletroeletrônicos (EVARISTO, 2011, p. 84). Reafirmando assim que a violência ocorre em todos os espaços sociais e atinge mulheres negras, brancas e de diferentes classes sociais. (SAFFIOTI, 2004)

Os contos analisados mostram que na desigualdade de gênero, o corpo da mulher é objetivado, alvo principal da violência, uma vez que Aramides Florença, Seni (a filha de Shirley) e Lia Gabriel foram violentadas fisicamente e simbolicamente no interior de seus lares, um espaço social da vida familiar em que o respeito, a harmonia deve estar presente, o que nos leva a considerar que a dominação masculina continua operante em todas as sociedades que seguem a orientação herdada do paradigma patriarcal.

Ainda no conto de Lia Gabriel, apesar de ter acontecido num tempo distanciado da escravidão. O marido via a mulher como sua serva, exigindo-lhe que servisse seu almoço assim que adentra na residência: “Era uma tarde de domingo, eu estava com as crianças assentadas no chão da sala, fazendo uns joguinhos de armar, quando ele entrou pisando grosso e perguntando pelo almoço”. (EVARISTO, 2011, p. 86)

Tal como acontece cotidianamente, o marido foi à cozinha, sacia a fome e volta para espancar a mulher e filhos.

Um olhar mais apurado sobre esse estudo revelar explicitamente as dimensões biopsicossociais que a violência contra a mulher produz e suas inúmeras consequências para as vítimas, Schraiber e D’Oliveira (1999, p. 3-4) nos remetem à conclusão que:

Apenas 55% das mulheres que sofreram agressão física ou sexual percebem que sofrem violência. Boa parte das mulheres não percebe a situação que acontece no âmbito doméstico ou relaciona como violência, pois ocorre no espaço privado. Geralmente, a palavra “violência” é reservada para expressar o que acontece no espaço público, como a violência urbana.

Deriva da assertiva acima a compreensão de que a mulher nem sempre se percebe como vítima da violência, nessa linha de raciocínio, *Insubmissas Lágrimas de Mulher* (2011) é uma obra que precisa ser trabalhada não apenas no universo acadêmico, mas também nas

escolas de ensino fundamental anos finais, de ensino médio para que as mulheres negras ou brancas possam desenvolver a compreensão crítico-reflexiva de que: “A violência contra a mulher não se limita à agressão física, mas envolve também outros tipos de violência, das mais sutis (como as verbais) às mais bárbaras, como estupro, feminicídio”. (ALMEIDA *et al*, 2020, p. 56)

A sociedade precisa compreender que a mulher negra tem sido desde o período da escravidão vítima de um sistema patriarcal e ideológico que limita a efetivação da sua condição de cidadã brasileira. Evaristo (2011) revela em sua literatura afrobrasileira a verdadeira condição em que milhares de mulheres negras estão submetidas, a fala das personagens traduzem a realidade enfrentada por essa importante parcela que compõe a população brasileira.

É interessante observar, ainda que em *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, as protagonistas narram fatos que marcam sua trajetória histórica de vida e essas narrativas não têm sido privilegiadas no cânone literário brasileiro, Evaristo em todas as suas obras ultrapassa os estigmas herdados da supremacia eurocêntrica contra a mulher negra, dando-lhe voz e vez nos debates e discussões que ocorrem no universo acadêmico.

Discussões que mostram que no Brasil mesmo após a outorgação da Carta Cidadã de 1988, da criação da lei de combate ao racismo, lei de enfrentamento da violência contra a mulher, ainda há “um contingente expressivo de mulheres que sofrem diariamente as opressões da violência”. (CELMER, 2010, p. 36)

Infere-se da citação acima, a compreensão que o estado de submissão imposto à mulher negra é um dos fatores que impossibilita a denúncia da violência, especialmente quando ocorre no âmbito da vida privada. Assim, *Insubmissas Lágrimas de Mulher* (2011) é uma obra que coloca em evidência a desigualdade de gênero e suas múltiplas consequências, o predomínio do pensamento patriarcal e subsequentemente, a desvalorização da mulher negra em nosso país. As mulheres aqui abordadas podem ser consideradas feministas e empoderadas. Lutaram contra uma das piores formas de degradação da dignidade humana – a violência doméstica que muitas vezes é silenciada outras vezes negada, mas que permanece mitigando a condição de cidadã brasileira da mulher negra.

Lia Gabriel é narrada pela voz de Conceição submetida a várias situações de opressão e violência contra a mulher que tem sido uma tradição histórica em nosso país, que acaba culminando no pensamento de mãe submissa, de mulher oprimida pela herança herdada do patriarcalismo, que muitas vezes tem obrigado a mulher a continuar presa no ciclo de violência.

Por sua vez, Shirley a usar da violência contra quem oprimia a enteada que tinha como filha, mostra que a mulher, quer seja esta branca ou negra tem potencial para revidar a violência sofrida, os anos passados no presídio foram-lhe cruéis, mas não apagaram sua esperança de viver dias felizes ao lado das filhas, de construir um futuro em que a violência não estivesse presente.

Aramides Florença preparou-se para viver uma vida plena com o marido e o filho, fato que é comum é até certo ponto tradicional na educação da mulher, contudo, descobriu que aquele homem antes amoroso, dedicado, após a chegada do filho demonstrou um amor narcisista pela mulher ao ponto de estrupá-la, desfecho final do amor que um dia lhe jurará.

Em síntese, em *Insubmissas Lágrimas de Mulher*, Conceição Evaristo traz à tona uma importante reflexão acerca das relações desiguais de poder entre homens e mulheres, destacando também as múltiplas formas com que a violência ocorre no espaço familiar e no espaço social. Nas três histórias analisadas nesse estudo, a vida das mulheres foi marcada pela subalternidade, desrespeito, machismo, insubordinação e por muita violência.

Protagonistas que foram forçadas a conviver com o machismo e a brutalidade dos homens com quem construíram suas relações amorosas, homens com quem desejam viver uma vida feliz, mas que tiveram seus sonhos destruídos pelos impactos provocados pela violência sofrida em suas vidas.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta seção, apresenta-se ao leitor os achados do estudo, bem como suas contribuições para o espaço acadêmico. Com base na análise realizada através de pesquisa bibliográfica, pode-se concluir que a violência contra a mulher é revelada em *Insubmissas Lágrimas de Mulher* (2011), como um fenômeno histórico e atual que minimiza a dignidade da mulher negra, que a condiciona a ter perdas significativas em vários aspectos de sua vida e que também afeta a saúde e qualidade de vida das crianças que convivem pais agressores.

A obra aqui analisada mostra ainda que a cultura de dominação ideológica que continua impregnando o Brasil muitas vezes leva a mulher a acreditar que é normal estar submetida a uma situação de violência, por outro lado, há em nossa sociedade indivíduos que apregoam que a mulher permanece nesse ciclo de violência porque querem, tomando como referência as narrativas analisadas, vê-se que Aramides, Shirley e Lia Gabriel suplantaram tais prerrogativas ao sair, embora com perdas, decepções e marcas da violência a que foram expostas em sua alma, essas três protagonistas conseguiram criar um futuro distinto do que tiveram em suas relações amorosas. Lutaram e venceram, construindo novas histórias de vida.

O estudo pautou-se apenas na análise discussão de três contos que abordam a questão de gênero, por isso pensa-se que novos estudos mais aprofundados podem revelar outras questões temáticas que são de relevante importância para o universo acadêmico contidas na obra de Evaristo Conceição, *Insubmissas Lágrimas de Mulher* (2011) Pela análise aqui realizada, acredita-se o estudo conseguiu atingir seu objetivo principal que foi tecer algumas reflexões em torno da violência contra a mulher presente nos contos de Aramides Florença, Shirley Paixão e Lia Gabriel à medida que nos levou a compreensão que a violência de gênero, quer seja simbólica ou física condiciona a mulher a sofrer impactos na saúde, qualidade de vida. O relato das experiências vividas por Aramides, Shirley, Lia Gabriel, revelam dores, angústias, vergonha, revoltas que estão presentes na vida de muitas mulheres negras e ao mesmo tempo retratam um feminismo de luta e resistência contra a violência de gênero.

Evaristo na obra aqui analisada revela ao leitor que a desigualdade de gênero é o resultado da crença de que o homem possui direitos e privilégios a mais que a mulher e, isso faz com que a mulher se sinta inferior ao marido, companheiro, namorado e em alguns casos atribua a si a culpa pela situação de violência a que está imposta. Não tenha a coragem de denunciar a violência sofrida.

Dessa forma, literaturas como as produzidas por Conceição Evaristo questiona e coloca em evidência o fenômeno da violência contra a mulher negra, muitas vezes invisível em nosso país, silenciado pela cultura patriarcal, fato que faz com que seus estudos sejam indicados para a realização de outras pesquisas, em especial, pesquisas qualitativas que podem clarificar com maior precisão e riquezas de detalhes a relevância da literatura afrobrasileira para o universo acadêmico.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Dulcielly Nóbrega de. **Violência contra a mulher**. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2020. (Série lei fácil; n. 1) Disponível em: <www.camaradosdeputados.gov.br>. Acesso 20out. 2020.

_____, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento.2018.

ASSIS, Machado de. **Pai Contra Mãe**; In Relíquias da Velha Casa. Rio de Janeiro: Ed. Garnier, 1990.

BARRETO, Lima. **Clara dos Anjos**. Rio de Janeiro: Ática,1998.

BERND, Zilá. **Introdução à literatura negra**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Brasilense, 2000.

BLAY, Eva Alterman. Violência contra a mulher e políticas públicas. **Estudos Avançados**, n. 17, v. 49, p.87-98, 2003. Disponível em: <www.scielo.com.br>. Acesso em 14 out. 2020.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bestrand Brasil. 2002.

BRABO, Tânia Suely Antonelli Marcelino (Org.). **Mulheres, gênero e violência**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

BRASIL, **Constituição Federativa do Brasil**. 45ª ed. Brasília: Câmara dos Deputados, 2014.

_____, **Lei nº 10.886 de 17 de junho de 2004**: Acrescenta parágrafos ao art. 129 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 – Código Penal, criando o tipo especial denominado "Violência Doméstica". Brasília: Casa Civil, 2004. Disponível em:<www.planalto.gov.br>. Acesso 20out. 2020.

BROOKSHAW, David. **Raça & cor na literatura brasileira**. (Tradução Marta Kirst). Porto Alegre: Mercado Aberto,1983.

CARDOSO, Nara Maria Batista. Psicologia e relações de gênero: a socialização do gênero feminino e suas implicações na violência conjugal em relação às mulheres. In: ZANELLA,

Andréa. Vieira.; et al., (Org.). **Psicologia e práticas sociais**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008.

CARNEIRO, Suelaine. **Mulheres Negras e Violência Doméstica**: decodificando os números. São Paulo: Geledés Instituto da Mulher Negra, 2017. Disponível em: <www.galedesinstitutodamulher.org.br>. Acesso em 14 out. 2020.

CARNEIRO, Sueli. “Mulheres em movimento”. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 117-133, 2003.

CAMARGO, Oswaldo de. **O negro escrito**: Apontamentos sobre a presença do negro na Literatural, 1987.

CELMER, Elisa Girotti. Violências contra a mulher baseada no gênero, ou a tentativa de nomear o inominável. In: ALMEIDA, Maria da Graça Blaya. **A violência na sociedade contemporânea**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. Disponível em: <www.ebook.pucrs.br>. Acesso em 20 out. 2020.

COLINA, Paulo (Org.) **Antologia contemporânea da Poesia Negra Brasileira**: São Paulo 1982

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 1994.

DAVIS, Angela, **Mulheres, raça e classe**. (Tradução Heci Regina Candiani). 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEL PRIORI, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 7ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas Lágrimas de mulheres**. Belo Horizonte: Nandyala, 2011 (Coleção Vozes Diáspora Negra – V.7).

_____. Questão de pele para além da pele. In: RUFFATO, Luiz. (Org.). **Questão de pele**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2009.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Visível e invisível**: a vitimização de mulheres no Brasil. São Paulo: FBSP, 2017. Disponível em: <www.scielo.com.br>. Acesso 10 out. 2020.

GAUER, Ruth Chittó. **Fenomenologia da violência**. Curitiba: Juruá, 2003.

_____. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 10ª ed. São Paulo: Atlas, 2012.

GOMES. Heloisa Toller. **O negro no Romantismo brasileiro**. São Paulo: Atual.1988.

JACQUES, Maria da Graça Corrêa.; et al. **Psicologia social contemporânea**. 10ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2011.

JESUS, Damásio de. **Violência contra a mulher: aspectos criminais da Lei nº 11.340/2006**. 2ed. São Paulo: Saraiva, 2015.

LUZ, NaciStanckida.; CASAGRANDE, Lindamir Salete (Org.). **Entrelaçando gênero e diversidade: violências em debate**. Curitiba: Ed. UTFPR, 2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Violência e Saúde**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2006.

MUSKAT, Susana. **Violência e masculinidade**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

NEVES, Márcia. **Violência contra a mulher no mercado de trabalho**. Rio de Janeiro: E-papers, 2009.

OLIVEIRA, GeovanaQuinalha. “Invisibilidades, resistências e re-existências em revistas femininas”. **Revista Estudos Feministas, Florianópolis**, v. 28, n. 1, e66133, 2020.

PINHO, Rodrigo Cesar Rabelo. **Teoria geral da constituição e direitos fundamentais**. 11ª ed. São Paulo: Saraiva, 2011.

PROENÇA FILHO, Domício. **O negro na literatura brasileira**. Boletim bibliográfico biblioteca Mario de Andrade. São Paulo, v.49, n.14, jan./dez.1988.

QUEIROZ, Ivo Pereira de.; QUELUZ, Gilson Leandro. Raça, racismo e etnicidade: o legado colonial e o seu enfrentamento. In: LUZ, Nanci Stanckida.; CASAGRANDE, Lindamir Salete (Org.). **Entrelaçando gênero e diversidade: múltiplos olhares**. Curitiba: Ed. UTFPR, 2016. Disponível em: <www.repositorio.utfpr.edu.br>. Acesso em 10 out. 2020.

RABASSA, Gregory. **O negro na ficção brasileira**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1965.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bonglovani. **O poder do macho**. 3ª ed. São Paulo: Moderna, 1999. (Coleção polemica)

SAYERS, Raymond. **O negro na literatura brasileira**. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1958.

STREY, Marlene Neves. Gênero. In: JACQUES, Maria da Graça Corrêa.; *et al.* **Psicologia social contemporânea**. 10ª ed. Petrópolis; RJ: Vozes, 2011.

TOZONNI-REIS, Marília Freitas de Campo. **Metodologia da Pesquisa**. 2ª ed. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009.